



# PORTUGAL DEMOCRATICO

ANO VI — N.º 59 — SÃO PAULO, ABRIL DE 1962 — REDAÇÃO: RUA CONSELHEIRO FURTADO, 191, SALA 2 — CAIXA POSTAL N.º 4 469

## O POVO PORTUGUÊS E A AGRESSÃO COLONIAL SALAZARISTA

Das Juntas de Ação Patriótica, organismos de unidade e direção da luta contra Salazar, recebemos o presente documento. Pela sua importância, pela necessidade de divulgar a verdadeira posição do Povo Português em relação a política colonialista de Salazar, transcrevemo-lo na íntegra. Por corresponder inteiramente ao pensamento deste jornal constituirá o artigo de fundo deste número.

### PORTUGAL DEMOCRATICO

— AOS SOLDADOS, SARGENTOS E OFICIAIS PRESOS EM GOA, DAMÃO E DIU!

— A TODOS OS PORTUGUESES QUE AINDA VIVEM NA INDIA

O governo fascista de Salazar mostrou mais uma vez, a todos os portugueses e ao Mundo, através dos acontecimentos de Goa, Damão e Diu que a sua política, que há 35 anos nos vem sendo imposta pela violência, a nós e a outros povos da terra, só conduz à guerra, à miséria, à ruína e decadência do nosso país, à infelicidade de todos nós.

Durante anos o povo de Goa exigiu liberdade para escolher o seu caminho. O Governo de Salazar não o escutou. Durante anos prendeu, torturou e assassinou os que mais corajosamente o exigiram.

Durante anos o nosso povo reclamou Paz e negociações com o Governo da União Indiana. O Governo de Salazar não nos escutou. Durante anos reprimiu, prendeu e torturou os que mais corajosamente o reclamaram.

Durante anos o Governo da União Indiana ofereceu-se para discutir o caso de Goa. O Governo de Salazar não o escutou. Durante anos fechou a porta a todas as negociações sérias.

O resultado de tudo isto, o resultado dos mesmos erros que diariamente se repetem em Angola, em Moçambique, na Guiné e noutros pontos, é hoje claro para todos.

E não será aos portugueses que se encontram presos na Índia que se tornará necessário dizê-lo.

Hoje, melhor que muitos outros portugueses, vós sabeis pela vossa triste experiência o que significa e onde nos leva a política de Salazar. Vós sabeis o que é a guerra. Vós sabeis o que é o horror de matar. Vós sabeis o que é arriscar a vida a cada passo numa luta que não entendeis, em terras estranhas, contra homens que não odiais. Vós sabeis o que é ser arrancado às vossas terras e casas, aos vossos empregos e cursos, às



Escortados pelas tropas da União Indiana, vemos soldados portugueses sendo encaminhados para os campos de internamento, onde ainda se encontram.

vossas famílias que tanto precisam de vós para viverem. Vós sabeis o que quer dizer não ter durante anos e anos nem pais, nem filhos, nem noivas. Vós sabeis o que é estar preso. Vós sabeis o que é a brutalidade das autoridades fascistas que vos querem empurrar sempre para mais crimes. Vós sabeis o que é ser mal alimentado, mal alojado e maltratado, o que é ser escarnecido e humilhado por aqueles mesmos que nos seus cadafés, em Portugal, dizem hipocritamente só pensar em vós.

E à vossa infelicidade, à vossa miséria e humilhação vem juntar-se o agravamento da crise do nosso país e de centenas de milhares de lares portugueses que sofrem enquanto meia dúzia de privilegiados aumentam as suas riquezas.

E tudo isto por que e para que? Por patriotismo? Para defender o solo da Pátria?

Mas como pode falar em patriotismo, como pode agir por patriotismo, um governo que cede constantemente o território nacional para bases militares estrangeiras ou que entrega a exploração das riquezas nacionais a grandes empresas de outros países, como o faz em Goa, entregando as minas de cobalto, alumínio, níquel, manganês e ferro às empresas nipo-americanas Kokan-Kogio e Obrogio?

Mas como pode falar em patriotismo, como pode agir por patriotismo um governo que em 1941 não resistia à invasão japonesa de Timor e que em 1943 declarava até que as relações entre os dois paí-

ses corriam "normalmente", um Governo que de harmonia com o Pacto Ibérico prefere a invasão das tropas franquistas, prontas a acorrer em sua defesa, à instauração da Liberdade no nosso País?

Como pode falar em patriotismo, como pode agir por patriotismo, um Governo que prende, espanca e persegue os melhores filhos do povo português, que lança a sua juventude para a fornalha de guerras inglórias e injustas? Um governo que dá ordens ao Governo Geral da Índia para que resista até ao fim para que haja milhares de mortos entre os nossos soldados, querendo fazer pagar o seu prestígio à custa da vossa morte! Um governo que chega a anunciar nos seus jornais e na televisão a morte de milhares de vós; que, para defender a sua posição e impressionar a população não teme lançar em pânico as vossas famílias!

Não, esse governo não age por patriotismo. Porque a Pátria somos todos nós. Portugal é o seu povo. Não defende a Pátria, a sua continuidade e os seus interesses, um governo que teima em oprimir e explorar outros povos, tal como oprime e explora os próprios portugueses. Isso não é defender a Pátria. É apenas defender a opressão.

Defender a Pátria é defender a felicidade do Povo. É o nosso povo o que quer é a Paz e a Liberdade de escolher e construir o seu caminho, como deseja que os povos de Angola, Moçambique, Guiné e outras regiões, tenham Paz e Liberdade para escolher e construir o seu.

A política de negação da liberdade de nós e aos outros povos, a política de guerra colonial, só pode levar a um novo Alcácer-Quibir em que nos arriscamos a perder vidas preciosas, a amizade dos outros povos, o pouco de prosperidade que nos resta e até, afinal, aquilo por que o Governo diz combater: o nosso prestígio, a nossa independência e a possibilidade de permanência da nossa cultura ou de portugueses pacíficos e trabalhadores noutros países, noutros continentes. E tudo isto apenas para que um punhado de grandes empresas e grandes senhores, que fazem do Governo de Salazar a sua polícia, possam continuar a receber lucros espantosos a custa do esforço dos que para eles trabalham e do sangue dos que para eles, entretanto, morrem.

Fosse o nosso Povo um Povo Livre, tivéssemos nós conquistado a Liberdade, tivéssemos nós um Governo que falasse a nossa língua e peia nossa voz e não pela fala e interesses dos outros, e já há muito teríamos sabido reconhecer em nosso próprio interesse, igual liberdade e igual direito de dispor do seu destino a todos os outros povos, hoje colonizados em nosso nome; evitando guerras e massacres, empregando o dinheiro das armas em obras de Paz estabeleceríamos sólidos laços de amizade e respeito com outros povos que veriam, com razão, em nós os seus melhores amigos e colaboradores. Esse sim é o caminho da defesa da Pátria.

Que nenhum homem pode ser forçado a ser português. Isso não é ser português, é ser escravo!

### SOLDADOS, SARGENTOS E OFICIAIS!

### PORTUGUESES QUE AINDA VIVEM NA INDIA!

Enquanto o Governo de Salazar estiver no poder nós só teremos guerra. Hoje estais presos em Goa. Amanhã, livres, o Governo temerá vossa presença esclarecida em Portugal e enviar-vos-á para novas guerras, para novas carnificinas inúteis, hoje em Angola, amanhã em Moçambique, depois na Guiné...

E esta não é a nossa política! Esta não pode ser a política e o destino do nosso povo! O nosso Povo sempre quiza a Paz! O nosso Povo sempre quiza a Liberdade para si e para todos os povos!

E por isso que, de Norte a Sul do país, católicos e comunistas, socialistas e liberais, republicanos (monárquicos, civis e militares, homens com partido e homens que sempre viveram longe da política mas que querem ter o direito a uma vida tranquila, se unem numa larga frente comum para derrubar o Governo de Salazar.

Homens, Mulheres, Jovens e Velhos unem-se, lutam, organizam-se e preparam-se para um levantamento nacional que restitua o nosso país a uma vida pacífica e livre.

Dezenas de milhares de pessoas manifestam-se nas ruas de Lisboa, de Almada, de Coimbra, do Porto, Aveiro, Alpiarça, Aljustrel, Bemposta, Torres Vedras, Covilhã etc., reclamando Democracia e Paz.

Em Beja, a 1.º de Janeiro, civis e militares assaltam uma caserna numa tentativa de derrubamento do regime.

Em Lisboa, Leiria, Beja, Évora, Tomar e mais cidades, os soldados recusam-se, com o apoio da população, a partir para a guerra de Angola. Mais de mil desertores vivem escondidos no país com o apoio da população.

Nas fábricas, nos campos, nas escolas, nas ruas, o nosso povo demonstra destemidamente que não está mais disposto a suportar a ditadura de Salazar!

### SOLDADOS, SARGENTOS E OFICIAIS! PORTUGUESES!

Saudamos a vossa corajosa rebeldia ao recusar-vos a combater contra os soldados da União Indiana!

Onde quer que estejais cabe também a todos vós uma grande tarefa na libertação de nosso País!

Organizai-vos em comissões! Discuti em reuniões este documento!

Recusai-vos em massa a prosseguir no massacre! Viral as vossas armas para os vossos opressores!

Levantai-vos com o Povo Português, como um só homem, pela Paz e pela Liberdade!

No fim da nossa luta unida estará certamente a vitória.

A vitória de nossa liberdade.

Janeiro 1962

JUNTA DE AÇÃO PATRIÓTICA



# O terror policial contra a democracia



## ADESÕES DE NITERÓI

(aa) Honório Peçanha, escultor; Quirino Campofiorito, pintor; Hilda E. Campofiorito, pintora; Anelio Latini Filho, cientista; João Soares Carvalho, artista decorador; Nelson Pereira dos Santos, cineasta; Laurita Andrade Santa-Ana dos Santos, artista de cinema; João Melo, compositor; Paulo Cezar Pimentel, pintor; Joaquim Pereira Neves, escultor; Alvaro Caetano, Presidente da Comissão Artística e Cultural do Teatro Municipal de Niterói; Clotilde Maria Linhares Pinaky, poetisa; arquitetos, Maurício Santos, Paulo Perez Quevedo e Rubem Goayer Wanderley; radialistas, Everaldo Almeida Valadares, José Maria Miguel, Carlos Rangel, Leônidas José da Costa e Jorge Lagoiro; escritores: J. G. de Araujo Jorge, Graziela Latini, Sylvio Lago (médico), Jacy Pacheco, Hélio Alves de Araujo, Gilda Braga Linhares, Carlos F. Nascimento, Sousa do Prado, Luiz Antonio Pimentel, Lauro de Azevedo Rolim, Renato de Lacerda, Odem Ribamar Teixeira, Dasso Coimbra (deputado) e Nemezio Calazans; jornalistas: João Rodrigues de Oliveira (Secretário do Interior e Justiça do Estado do Rio de Janeiro); Jairo Mendes (Presidente do Sindicato dos Jornalistas do Est. do Rio de Janeiro); Jefferson Avila Junior (Diretor do Museu Antonio Parreiras); Maurício Hill, Almyr Carvalho, Fernando Caldas, José Henrique Cordeiro, Italo Ramos, Orlando Silva, Sergio Amorim, Tacito Tani, Hilton Macedo de Almeida, Alberto Dirma, Jourdan Amora, Raymundo Ribeiro da Luz, Rogério Coelho Neto, Gilberto da Cunha Lopes, Fernando Gonçalves, Irene da Silva Wanderley, Continentino Pôrto, Antonio Marques, Oswaldo Evaristo da Cruz Gouveia Filho, Manoel Picanço Goulart, José Nagele, Douglas Ferreira da Silva, José Bernardo da Silva, Euzébio Correia de Araujo, Roberto Rolim, Anderson Vianna Fontes, Mario Augusto de Almeida e Jesilthon Mello da Silva.

## PROTESTO DOS

## EMIGRADOS NA FRANÇA

## PRESIDENCIA REPUBLICA LISBOA — Portugueses residentes

Paris manifestam comoção alarme notícia assassino conhecido escultor e democrata Dias Coelho deixando hospital por dois agentes anônimos PIDE stop reclamam imediata abertura rigoroso inquérito circunstâncias morte pronto castigo assassínios uma vez mais anistia centenas presos políticos cuja vida corre perigo stop.

Abílio Bedo, operário; Agostinho Castro, estudante; Alberto Santos, estudante; Alfredo Leote, operário; Almansa, operário; Américo Nunes, estudante; Alzira Seabra, advogada; Andrade e Silva, físico; Anibal Quintela, operário; Antônia Lapa, médica; António Bastos, operário; António Brotas, engenheiro; António Costa, operário; António Martins, estudante; António José Saravia, escritor; Araujo Grace, empregado; Augusto Martins, operário; Cabanas, operário; Campos Manuel, operário; Carlos Procópio, estudante; Carolina Tito de Moraes, médica; Castro Somenho, escritor; Cesar Felix, operário; Costa Camelo, pintor; Costa Pinheiro, pintor; Dália Martinho, estudante; Dulcinea Silva, doméstica; Eduardo Lourenço Faria, escritor; Eduardo Luis, pintor; Emídio Guerreiro, professor; Henriques Faria, operário; Fausto Boavida, pintor; Fernandes, operário; Fernando José, operário; Barrabas de Carvalho, escritor; Fernando Echevarria, poeta; Fernando Pernes, crítico; Francisco Marques, operário; Helder Serpa, estudante; Henriques, operário; João Cordeiro, operário; João Dias, operário; João Santiago, empregado; João Robalo, operário; João Vidal, estudante; Joaquim Serrano, escritor; Jorge Martins, pintor; Jorge Reis, jornalista; José Augusto França, escritor; José Seabra, advogado; José Escada, pintor; José Ferreira Almeida, estudante; José Viegas, estudante; José Ribeiro, estudante; José Santana Dionísio, físico; Júlio Inácio, operário; Luis Oliveira, estudante; Manuel Valadares, físico; Maria Assunção Franco, estudante; Ortins Bastos, estudante; Palmira Rodrigues doméstica; Paula Santiago, enfermeira; Pereira Oliveira, engenheiro; Ricardo Valença, operário; Roberto Alves Sousa, estudante; Rodrigo Neves, estudante; Rui Nogueira, estudante; Rui Barreto, estudante; Rui Luis Gomes, matemático; Sílvia Cequeira, professor; Tomás Rato, operário; Torres, operário; Valdemar Algarvio, estudante; Viegas, operário; Virgílio Zuzarte, estudante.



O escultor José Dias Coelho

Assinaram 14 estudantes; O comité de "Tribuna Socialista", órgão central do PSU, 7 assinaturas, entre as quais as de R. Vordier, E. Copferman, J. M. Vincent; O Comité Nacional do Socorro Popular Frances, 64 assinaturas, entre as quais as do abade Boulter, Julien Laupretre (secrétaire général), Daniel Assalit (secrétaire nacional), G. Vidal, Naquet (médico), Josette Liechete, Jean Siegfried (cineasta), S. Diquélon (conselheiro municipal), Pierre Koldok (avocat à la court), L. Vierney (pastor).

## A PIDE tortura alguns dos últimos patriotas presos

O protesto da opinião pública brasileira, representada por alguns dos nomes mais insígnias das artes e das letras e da vida pública do Brasil contra o assassinato do escultor José Dias Coelho e contra os processos desumanos da PIDE, encontra nova justificação das notícias que nos chegam de Portugal. Com efeito entre os últimos patriotas presos por aquela polícia, e que figuravam no documento de protesto enviado ao Presidente da Republica, alguns se encontram em perigo de ser assassinados pela PIDE. Assim, por exemplo AMÉRICO DE SOUZA, preso no "segredo" de Caxias, perdeu mais de cinco quilos depois de muitos dias de tortura e de "estátua". O inspector Gouveia torturou e esbofetou ALBINA FERNANDES a ponto de lhe provocar forte abalo nervoso. JOAQUIM PIRES JORGE foi espancado no ato da prisão. OCTAVIO PATO, CARLOS COSTA E JULIO MARTINS, submetidos a interrogatórios durante seis a dez dias sem os deixarem dormir.

A truculência da policia politica salazarista, nomeadamente dos seus agentes Gouveia, José Lopes, Paulino, Tinoco e Sardinha, foram ao ponto de interrogar uma criança de 3 e outra de seis anos!

Nos meios democraticos portugueses receia-se também seriamente pela sorte de MANUEL SERRA, o líder católico preso pela PIDE em seguida aos acontecimentos de Beja. É voz corrente, posta a circular pela própria policia, que Manuel Serra teria tentado a fuga. Neste caso o seu assassinio politico poderia ser "legitimado" pelos dirigentes da PIDE e posteriormente tornado publico.

Estes novos fatos exigem a continuação do protesto da opinião pública mundial e nomeadamente da brasileira, e que se procure que a ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL interceda junto da sua congénere portuguesa para que sejam salvaguardados o direito à vida e o direito de defesa dos presos.

Carlos Fernandes Pereira Alves  
Jorge Constante Pereira  
André Melhã Cordeiro  
Sérgio Babo  
António Cândido Guerra Rodrigues  
Maria Clara Felgueiras  
Manuel Fernando Felgueiras  
Maria José Teles de Freitas Cardoso  
Jorge Henriques  
Isabel Alves Costa  
Beatriz Madureira  
Elisa Bacejar  
Armando Bacejar  
Eva Bacejar  
Carlos Gerales  
Carlos Fernandes Silva  
Luis Augusto Meneses Monteiro  
Maria Isabel Sampaio  
Oscar Lopes  
Domingos Pinto  
Victor Sá  
Victor Louro de Sá  
Ricardo de Sousa Lima  
Arnaldo Ramos de Andrade  
Amílcar Manuel Ribeiro da Costa e Silva  
Francisco Eduardo Cordeiro  
Luis de Seixas Ferreira Alves  
Egito Gonçalves  
Maria Helena Cardoso Ferreira Alves  
Alberto Andrade  
José Nogueira Gil  
Carlos Henrique Guimarães Mota  
Manuel Joaquim Poças Pinto  
Serafim Pimenta Ferreira  
Manuel Augusto Pacheco Sousa  
António Correia Setas  
Fernando Seixas  
Eduardo Falcão de Andrade Lago  
António Ferreira Neto de Vasconcelos  
Carlos Viana Jorge  
Reinaldo António Ribeiro da Costa  
Manuel António Fortes Teixeira Pinto

Humberto Ferando Mourão Mendo  
Eduardo Guerra Carneiro  
João Manuel Filipe Pinto Leite  
José Augusto Cabeço da Silva  
Manuel Barros Monteiro  
Afonso José Barros  
Jorge Matos de Faria  
Manuel Luis Almeida Martins Mendes  
Alfredo de Vasconcelos  
Francisco Guedes de Carvalho  
Rodrigo Guedes de Carvalho  
Augusto Nelson Queilhas  
Manuel Rodrigues Gramacho Silva  
Maria Laura da Conceição  
Maria Teresa Martins  
Marcela Figueiredo Torres  
Maria Alice Moreira Ribeiro dos Santos  
José Eduardo Freire  
Alberto Almeida Carneiro  
Irene Maria Guimarães Ferreira  
Ricardo Araújo Figueiredo  
Maria Isaura Moreira Ribeiro dos Santos

Armando Sousa e Silva  
Rui Jorge Moreira  
Ricardo Jorge Lima  
José João Ramos Paz Barroso  
Alfredo António Moreira Ribeiro Santos  
Alfredo António Ribeiro dos Santos (Paí)  
Manuel Domingos de Sousa Pereira  
Margarida Lusa  
António Belmiro Guimarães  
Maria João Sousa Delgado  
Ana Maria Pinto Basto  
Maria de Fátima Portocarrero de Macedo  
Alice Teles Domingues dos Santos  
Vitor Martins Queilhas  
Alcindo Eugénio Sanches de Magalhães  
Agostinho Armando del'Pino Fernandes  
Serafim Faria Teixeira  
Júlio A. Fonseca  
António Barbosa dos Santos  
José Rafael Campos Rigor  
Armandino José Jesus Oliveira  
Maria Beatriz Ramos Rocha Felgueiras  
José Manuel Morais Teixeira Braga  
Mário Jorge Jacques Sousa Carvalho  
Dália Ferreira de Sousa Rocha  
Francisco Carneira  
Amândio Silva  
Maria Amélia Bento

## ESTUDANTES DE PORTUGAL EXIGEM UM INQUÉRITO

EXMO. SENHOR MINISTRO DA JUSTIÇA:

OS ABAIXO ASSINADOS, INTELECTUAIS E ESTUDANTES PORTUGUESES, VEM POR ESTE MEIO EXIGIR JUNTO DE V. EXA. QUE SE PROCEDA A UM RIGOROSO INQUÉRITO SOBRE AS CIRCUNSTÂNCIAS DA MORTE DO ESCULTOR JOSE ANTONIO DIAS COELHO, VERIFICADA EM 19 DE DEZEMBRO DE 1961.

FAZENDO ESTE PEDIDO, QUEREM OS SUBSCRITORES EVITAR A REPETIÇÃO DE CASOS IDENTICOS, O QUE É POSSIVEL, EM GRANDE PARTE, DESDE QUE O CULPADO OU CULPADOS SEJAM DEVIDAMENTE PUNIDOS E ESSE FACTO TORNADO PÚBLICO. ESPERANDO O RESULTADO DAS IMEDIATAS DILIGENCIAS DE V. EXA., NESTE SENTIDO, SUBSCREVEM-SE,

JANEIRO DE 1962  
Armando Barrías  
José Paupério  
Rogério Teixeira Paiva Dias  
Rui Cupertino de Miranda  
Manuel Afonso da Silva Strecht Monteiro

## PRONUNCIAMENTO DA COMISSÃO FLUMINENSE PRO-ANISTIA

No mesmo sentido dirigiram-se ao Presidente da República Portuguesa os membros da Comissão Fluminense Pró-Anistia para os Presos e Exilados Políticos de Portugal e Espanha que é constituída pelos senhores deputados Adão Pereira Nunes e Nicanor Abreu Campanário; poeta Geir Campos — diretor da Biblioteca Pública Estadual; vereador João Batista da Costa Sobrinho — presidente da Câmara Municipal de Niterói; professor Geraldo Reis; Dr. João Lopes Filho — Diretor da Secretaria da Câmara Municipal de Niterói; universitário José Carlos de Almeida — presidente da União Fluminense dos Estudantes; jornalista Lourdes de Freitas Pacheco e o líder sindical Joaquim Pedro Mayrink Filho — presidente do Conselho Sindical de Niterói.

## FOTOCÓPIAS REMETIDAS A O.N.U.

Fotocópias autenticadas desses documentos foram remetidas à Comissão dos Direitos do Homem, da O.N.U., sediada em Lake Success, em Nova York, juntamente com uma carta solicitando a atenção e as providências daquele organismo internacional para fazer cessar as constantes violações aos direitos humanos que têm ocorrido em Portugal.



DESENHO DE JOSE CARLOS (11 ANOS)

O suplemento JUVENIL do jornal REPUBLICA, de Lisboa, publicou este desenho. Constrange-nos o assunto escolhido, reflexo do dia-a-dia vivido por um povo inteiro

## TRECHO DE UMA CARTA RECEBIDA DE PORTUGAL: (Março de 1962)

"Já soubeste que em Lisboa, pintaram no casco de vários barcos estrangeiros a preto, mais ou menos os seguintes dizeres: "Povos de todo o mundo ajudai-nos a derubar a ditadura de Salazar". Alguns salaram barra fora com tal legenda, mas um deles, inglês, tomou rumo a Leixões e entrou aqui no Douro com tal legenda. Não imaginas o povo que se juntou beira-rio e a celeuma que isso deu, metendo logo a PIDE, que tratou imediatamente de mandar limpar as letras. O caso deu que falar e ainda está a dar.

(Continua no próximo numero)



**PORTUGAL  
DEMOCRATICO**

ANGOLA CONTRA O COLONIALISMO E PELA  
CONQUISTA DE SUA INDEPENDENCIA

# O MPLA desmascara Holden Roberto

Exatamente como aconteceu em Portugal, onde longos anos foram necessários para que todas as forças democráticas empenhadas na luta contra o fascismo se compenetrassem de que o estabelecimento de uma frente unitária era condição previa e indispensável à derrubada do regime, assistimos agora em Angola à tomada de consciência de homens que incidiram no erro do divisionismo. Desgraçadamente para Angola, o preço da boa fé e da ingenuidade de alguns patriotas responsáveis, como o comandante Marcos Kassanga, que não quiseram ouvir em devido tempo os insistentes apelos do MPLA — único partido angolano com um programa estruturado em favor da constituição de uma ampla Frente de Libertação Nacional, foi pesado em vidas humanas. Era inevitável. Chega agora o Estado Maior do Exército de Libertação Nacional à conclusão dolorosa de que essa frente não só corresponde às aspirações do povo angolano como é indispensável à condução vitoriosa da luta contra o colonialismo salazariano. Oito mil homens massacrados numa guerra fratricida e o covarde assassinio de dois grandes patriotas angolanos, eis o preço da ilusão.

De há muito que sabíamos que Holden Roberto era um aventureiro. Assim, nada do que se revela no comunicado do comandante do ELNA sobre os monstruosos crimes ordenados por semelhante indivíduo e sobre os seus projetos delirantes nos pode causar surpresa. Estávamos bem informados sobre o seu oportunismo abjeto e dele só podíamos esperar o pior.

O importante é salientar que a reação positiva, embora tardia, se verificou finalmente. E isso é reconfortante. Em Angola desanuviaram-se os horizontes da luta libertadora. Para Salazar e sua camarilha será uma fraca consolação bradar aos quatro ventos que tinham razão, que havia angolanos que matavam angolanos, homens que por fanatismo religioso lançavam tribos contra tribos. E' certo. Não foi apenas o aparelho militar português que transformou o Norte de Angola em verdadeiro cemitério; o aventureiro Holden Roberto colaborou no genocídio, funcionou como aliado da máquina de repressão colonialista.

Mas a alegria de Salazar é fictícia. Ele sabe que acaba de sofrer uma derrota, que o dissipar de ilusões dos chefes do ELNA constitui um fator decisivo para o estabelecimento de uma frente unitária — o seu maior receio — em torno das teses do MPLA. A descoberta da verdade consiste afinal numa permanente busca através do erro. Não invocaremos o velho aforismo de que há males que vêm para bem apenas pelo respeito que nos merecem as vítimas inocentes do fanatismo de Holden. Mas acreditamos sinceramente que o comunicado que estampamos em nossas colunas veio dissipar um pesadelo. Os verdadeiros amigos de Angola podem encarar doravante o futuro daquela nação com mais tranquilidade.

## O Documento

CONFERENCIA DE IMPRENSA DADA  
DADA PELO CHEFE DO ESTADO  
MAIOR DO EXERCITO DE LIBER-  
TAÇÃO NACIONAL DE ANGOLA,  
MARCOS KASSANGA

Depois do desencadeamento da luta armada em Angola, esta é a primeira vez que tenho a oportunidade de me dirigir a opinião pública nacional e internacional.

Agradeço profundamente ao Governo e ao povo da República irmã do Congo-Léopoldville a amabilidade e hospitalidade que tem manifestado para com o nosso povo e muito em especial a ajuda moral e material que tem contribuído concretamente para a libertação do nosso país.

Os meus agradecimentos estendem-se a todos os que tiveram a gentileza de comparecer, correspondendo ao apelo lançado pelo Estado Maior.

No decorrer desta Conferência de Imprensa, pretendo prestar esclarecimentos à opinião pública nacional e internacional ainda mal informada acerca da luta armada em Angola.

São decorridos alguns dias desde que a UNIÃO DAS POPULAÇÕES DE ANGOLA "UPA", emitiu falsamente um Comunicado de Imprensa sobre a morte do Comandante JOÃO BAPTISTA TRAVES PEREIRA, membro do Estado Maior, e Chefe das Operações Militares no interior do país. Nesse comunicado a UPA atribuiu a morte do Comandante Baptista aos portugueses. Um Contra Comunicado do Estado Maior emitido em 24 de Fevereiro ultimo, declara não se responsabilizar pelo conteúdo do comunicado da UPA. Este comunicado do Estado Maior criou divergências no seio do partido e para que do facto não resultassem circunstâncias desastrosas, um segundo comunicado foi emitido pelo mesmo Estado Maior datado de 26 de Fevereiro ultimo, no qual exprimi a vontade de fazer uma importante declaração. Constituiria matéria dessa declaração o resultado das pesquisas feitas pela comissão de inquerito que o Estado Maior havia designado para o estudo local das circunstâncias da morte de um dos chefes principais.

A direção política da UPA consciente da culpabilidade da morte do Comandante JOÃO BAPTISTA, impediu a entrada no interior de Angola daquela Comissão. Não só a comissão encontrou essas dificuldades, como também a delegação vinda do local onde fora assassinado pelos dirigentes da UPA, estacionados no Fousse, (fronteira Congo-Angola) tentando assim impedir que alcançassem Léopoldville; onde seriam prestados os esclarecimentos concretos sobre a morte do Comandante Baptista.

Os calculos da "UPA" saíram errados quando uma dos testemunhas visuais da morte do Comandante BAPTISTA conseguiu vir até Léopoldville e pôr o Estado Maior ao corrente sobre as circunstâncias da morte daquele herói nacional.

A revolução popular angolana contra a dominação e exploração escravagista portuguesa, dias depois do seu começo numa carnificina fomentada pela Presidência daquele partido, cujo Chefe e o Holden Roberto. Holden não queria sinceramente lutar pela libertação de Angola, mas sim, impôr a luta ao povo para que no decurso fossem facilitadas as suas pretensões de impôr a supremacia da sua tribo, a sua religião — o protestantismo — a língua francesa como de carácter oficial para todo o território nacional. Além disso, visava a eliminação da elite angolana, em virtude da sua falta de maturidade política por receber uma oposição que impedisse a realização dos seus planos.

### DO ESTADO MAIOR

Por minha iniciativa e do falecido Comandante BAPTISTA, formou-se o Estado Maior que se ocuparia de fazer os preparativos de enquadramento, com a maior urgência possível de todos os combatentes nacionalistas. Mas, Holden é contrario a organização da luta com receio de que o desenvolvimento da luta nestas condições desse lugar a uma independência imediata de Angola, pois, essa mesma luta é um meio vital para a subsistencia pessoal.

Contudo, o Estado Maior, como órgão supremo responsável pela conduta revolucionária, fez todos os esforços para pôr em execução os seus planos, começando por enviar para o interior de Angola o Comandante BAPTISTA em 10 de Abril de 1961.

Holden, desconfiando das actividades do comandante BAPTISTA que eram as da verdadeira causa nacional, designou-se COMANDANTE EM CHEFE no decurso duma Conferência de Imprensa que teve lugar no dia 7 de Julho de 1961 em Léopoldville, sem o consentimento das personalidades que constituíam o Estado Maior da "ALNA".

Para não criar divergências no seio do partido, os dirigentes do Estado Maior não tomaram em consideração as loucas e vagas declarações, dum indivíduo sem os mínimos conhecimentos militares quanto a sua designação como COMANDANTE EM CHEFE, que apenas visava fazer face a tarefa do Comandante BAPTISTA que pretendia restaurar um convívio fraterno em todas as localidades empenhadas na luta pela libertação nacional e social de Angola. Holden, inteirado do enquadramento da maioria dos nacionalistas combatentes deu ordens declarando que todas as decisões acerca do enquadramento

do pessoal combatente deveriam partir da sua pessoa, desta maneira, em vez de cooperar para a sistematização da luta quis e trabalhou sempre para que tal se não realizasse, desconfiando que isso constituiria uma grande barreira para as suas ambições pessoais.

O Comandante BAPTISTA que se esforçou com sinceridade na execução do nosso plano trabalhando unicamente para a libertação de Angola e não para satisfação das pretensões do Holden, foi tido como obstáculo aos seus planos que visam o retardamento da independência de Angola, o aniquilamento físico de todas as personalidades de carácter e com preparação superior a sua, e imposição da sua religião, a supremacia da sua tribo, a prática do comercio com os recursos economicos da revolução.

O Estado Maior tanto se esforçou para a manutenção da ordem e desenvolvimento da luta armada no interior do país. Holden considerou esse acto como actividade subversiva e contraria aos seus planos. Passamos a luta fratricida.

O Estado Maior saturado da guerra fratricida desencadeada em Angola, pela "UPA" resolveu denunciar e comunicar a verdade pura e real.

A luta armada desencadeada no norte de Angola é sob todos os seus aspectos, uma verdadeira luta fratricida. Um numero aproximado a 8.000 angolanos foram sucessivamente massacrados pelos elementos tribalistas da UPA, estupidamente e nos indisciplinados ao extremo. Esse ano massacre efectuados por angolanos contra angolanos nasce dum cego tribalismo que se apresenta em quatro aspectos: religioso, linguistico, étnico e ideologico. Tribalismo religioso, porque todos devem ser protestantes; tribalismo linguistico porque todos devem falar a lingua "kikongo"; tribalismo étnico porque todos devem descer de S. Salvador tribalismo de ideologia politica porque todos devem defender os interesses do Holden e a sua "UPA" falsamente assim denominada.

Assim decorreram 11 meses de luta fratricida fomentada por Holden Roberto apoiado por países que desconhecem o seu caracter tribal, a sua falta de maturidade politica e sua ignorancia sobre os problemas angolanos.

Holden, conseguiu enganar varios países que o apoiaram na luta fratricida, passando por líder angolano quando na realidade não é angolano e nunca conheceu Angola não fala a lingua que oficialmente é falada no país o qual aspira governar. Enfim, serviu-se de Angola para arranjar um modo de vida e enganar a opinião publica internacional, melhor um aventureiro, um bandido.

Holden ROBERTO faz uma politica de intimidação no meio angolano exilado na Republica do Congo (Léo) afirmando ter uma grande influencia sobre eminentes personalidades governamentais congolezas que o apoiam inteiramente nessa politica e que as autoridades administrativas locais lhe contaram a administração dos angolanos exilados no país.

Por exemplo: Sabemos que a Tunisia e o seu Presidente Bourguiba ajudam desinteressadamente o povo angolano para a sua libertação do jugo colonial fornecendo-lhe material de guerra; entretanto Holden acrescenta recibos falsos para mostrar que o fornecimento do material tunisino foi por ele arquirido a custo de milhares.



Obstáculos nas estradas de Angola, colocados pelos guerrilheiros do MPLA

de francos conforme documentos na posse do Estado Maior. Sucedem-se os apelos de contribuição financeira dirigidos ao povo angolano e aos países estrangeiros para pagar aquela falsa despesa e outras compras de armamento, quando na verdade as contribuições revertem em favor dos cofres pessoais de Holden.

Na luta fratricida que implantou em Angola, entre os 8.000 nacionalistas angolanos massacrados sob as ordens secretas, temos que destacar a do Comandante Tomas FERREIRA e sua esquadra de 21 ele-

mentos enviados para o interior do país pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) para reforço da libertação nacional. O Comandante Tomas FERREIRA e seus companheiros apanhados pelos militantes da "UPA" foram barbaramente enforcados. Agora surge a triste morte do Comandante Baptista Chefe das Operações Militares no interior da Angola, membro do Estado Maior da "UPA". A sua morte à traição foi motivada por não concordar com o extermínio de angolanos, por não falar o "kikongo", por não ser natural de S. Salvador e não ser protestante.

Será ainda possível que venham a existir países que continuem a sustentar este drama? Os que continuarem a fazê-lo responderão algum dia perante a justiça da historia do mundo.

Em face das circunstâncias arrás expostas peço a opinião publica nacional e africana para que tome conhecimento acerca da situação que actualmente reina em Angola, apoiando, sem restrições, medidas propostas pelo Estado Maior, órgão supremo da revolução armada, nas seguintes condições:

— que a partir de hoje, o Estado Maior do Exército de Libertação Nacional de Angola (ELNA) retire totalmente a sua confiança a União das Populações de Angola (UPA) e seus dirigentes, por terem sido os promotores da luta fratricida desencadeada em Angola depois de Março de 1961;

— atria a atenção para a responsabilidade dos dirigentes da "UPA" e seus cúmplices na morte do Comandante BAPTISTA e de 8.000 nacionalistas angolanos de diversas camadas sociais, étnicas e políticas, inclusive os 21 nacionalistas sob a direcção do Comandante FERREIRA do MPLA, todos massacrados pelos mesmos elementos da "UPA" estupidamente armados e completamente indisciplinados;

— denuncia perante a opinião publica, o perigo eminente que paira sobre as ameaçadas vidas dos restantes angolanos em guerra pela libertação nacional, e atram a responsabilidade sobre todos os países em especial os países africanos amigos que sustentam uma guerra fratricida;

— lançam um patetico apelo a todos os países afro-asiáticos que na verdade desejam contribuir e ajudar o povo angolano na sua libertação, para que os recursos materiais destinados a esse efeito sejam entregues aos movimentos nacionalistas com sentido e caracter de responsabilidade empenhados no estabelecimento da unidade do nosso povo;

— torna publico o perpetuo massacre fomentado pelos mesmos elementos contra todos os nacionalistas angolanos que não apoiam a luta fratricida fomentada por Holden Roberto e seus comparsas no interior de Angola e do assassinato a traição do Comandante Baptista;

— a denuncia a intromissão do Holden Roberto no seio do Exército de Libertação Nacional de Angola, designando-se Comandante em Chefe do mesmo, sem o necessário consentimento das duas personalidades que dirigiam o Estado Maior;

— condenam energeticamente todos os que a partir deste momento continuem a apoiar Holden Roberto na sua declarada carnificina e extermínio do verdadeiro povo angolano.

Para terminar, o Estado Maior do Exército de Libertação Nacional de Angola, (ELNA) lança um solene apelo a todas as organizações e movimentos nacionalistas angolanos para que apoiem, sem reservas, as suas propostas e contribuam com todos os meios para a manutenção

## Novas medidas para evitar a fuga para o estrangeiro de capitais de Angola e Moçambique

Pela pasta do Ultramar foi publicado um decreto permitindo que as Inspeções Bancárias de Moçambique e de Angola procedam, sempre que as circunstâncias o aconselharem, a exames de escritas de quaisquer comerciantes em nome individual ou coletivo, com o objetivo de verificar se se opera a transferência de capitais para o exterior, contra as disposições legais que disciplinam essas transferências.

No preambulo do diploma afirma-se que estas medidas são tomadas por motivo de urgência e por se tornar "necessário evitar transferências ilegais de capitais para o exterior, que se vêm operando em Moçambique e Angola, com repercussões graves nas balanças de pagamentos daquelas provincias".

### UM NOVO APELO CORRERA MUNDO



Esta mão, e este apelo, será visto muitas vezes, em muitos lugares pelos democratas portugueses.

### APOIAI E AJUDAI A PRIMEIRA CONFERENCIA DOS PAISES DA EUROPA OCIDENTAL PARA A ANISTIA AOS PRESOS E EXILADOS POLITICOS DE PORTUGAL.

Enviai adesões, donativos ou quaisquer outras contribuições para a Rua Conselheiro Furtado, 191, S/2, Caixa Postal 4469 — S. Paulo.

## Liga Geral dos Trabalhadores de Angola: Comunicado

Situando-se na vanguarda dos trabalhadores angolanos e consciente do seu papel e das suas responsabilidades neste momento decisivo na Historia da Pátria Angolana, a LIGA GERAL DOS TRABALHADORES DE ANGOLA (L.G.T.A.) não podia ficar indiferente ao patriótico apelo feito a todas as organizações nacionalistas angolanas pelo Chefe do Estado-Maior do Exército de Libertação Nacional de Angola, na sua Conferência de Imprensa de 3 de Março de 1962.

Neste sentido, a LIGA GERAL DOS TRABALHADORES DE ANGOLA, declara-se inteiramente solidária com o exercito de Libertação Nacional de Angola e com o seu Chefe do Estado Maior, o Comandante Marcos Kassanga — aos quais promete a mais estreita colaboração e apoio na luta pela independência nacional angolana, causa comum a todos os angolanos, sem discriminações de etnia, de condição social, de religião ou de sexo.

A nossa Central Sindical conta com o apoio das outras organizações e movimentos nacionalistas angolanos, que, na unidade, queiram lutar pela independência do povo angolano.

A nossa luta unida será o único meio para atingirmos a independência.

Léopoldville, 4 de Março de 1962.  
Pelo Comité Executivo  
André Kassinda,  
Secretario-Geral



# Delgado contra a guerra colonial

As já conhecidas declarações feitas em Marrocos pelo General Humberto Delgado foram salientadas, em nota do correspondente especial do "New York Times".

O caráter nacional e unitário das declarações desse líder político a oportunidade e repercussão das mesmas, faz-nos voltar ao assunto.

O "New York Times" salientava especialmente o apelo feito pelo General Delgado ao exército português para que ponha termo à guerra em Angola e ajude a restabelecer um regime democrático em Portugal. Qualificando a guerra de Salazar em Angola como "selvagem e brutal", o General Delgado lembrou as repercussões possíveis no plano internacional e para as consequências da sangria e esbanjamento no plano interno.

Apontando como solução para os problemas coloniais portugueses a "negociação na base da auto-determinação", Delgado afirmou que só o restabelecimento das "liberdades públicas" em Portugal permitirá que a Nação Portuguesa decida. Ainda, dirigindo-se ao exército português, disse: "todos os que gostam de demonstrar a heróica coragem dos seus antepassados matando africanos, melhor fariam se se voltassem contra a tirania".

# Faleceu Quintão Meirelles

LISBOA — O ex-candidato opositorista à presidência da República e ex-ministro das Relações Exteriores, almirante Manuel Carlos Quintão Meirelles, faleceu no Hospital Naval de Lisboa. No nosso próximo numero divulgaremos as principais atividades políticas do grande democrata.

# Vitoria dos estudantes portugueses

Reuniu-se no passado dia 9 de Março em Coimbra, na sede da Associação Académica, a I ASSEMBLEIA GERAL NACIONAL DOS ESTUDANTES PORTUGUESES. Participaram nessa Reunião dirigentes das Associações de Estudantes das Universidades de Lisboa, Porto e Coimbra, com o fim de apreciando o desenvolvimento do movimento estudantil em Portugal, criarem as bases para a fundação da UNIAO NACIONAL DOS ESTUDANTES PORTUGUESES (UNEP).

N.R. — A criação da UNEP, não é uma aspiração de hoje para os estudantes portugueses. Desde o advento da ditadura fascista em Portugal, que imediatamente criou a organização nazi-fascista e militarista "Mocidade Portuguesa", os jovens de Portugal, nomeadamente dos estudantes, têm lutado pela criação dos seus órgãos representativos, organicamente democráticos. A sua luta extraordinária, enfrentando todo o tipo de represões da ditadura, não culmina, com esta enorme vitória imposta ao salazarismo.

Os estudantes portugueses, como todo os jovens do mundo, sabem, que a luta só terminará, quando o Povo Português conquistar a Liberdade e a Democracia!

PORTUGAL DEMOCRATICO saúde os valentes estudantes portugueses por mais este golpe no fascismo português. A U.N.E. do Brasil apoia os Estudantes Portugueses. Ao ter conhecimento da realização da Assembleia Estudantil em Coimbra do passado dia 9 de Março, enviou a UNEP, por intermédio do seu Presidente, Sr. Aldo Arantes, o seguinte telegrama, dirigido aos estudantes portugueses: "Universitários Brasileiros Apoiam Jubileus Formação União Nacional de Estudantes. UNEP"

# Lider do M.P.L.A. no Brasil

Procedente de Ghana, encontra-se em São Paulo, há alguns dias, o sr. José Lima Azevedo, natural de Angola, ex-estudante de Economia da Faculdade de Economia do Porto, cidade de onde fugiu em companhia de dezenas de outros companheiros oriundos de outras colônias portuguesas.

Em visita a esta folha o sr. José Lima de Azevedo fez declarações sobre o problema angolano e afirmou que veio ao Brasil para estudar as possibilidades da vinda de outros compatriotas seus, sobretudo estudantes, que desejam realizar cursos em escolas do País, e, ainda, para apreciar as condições existentes, a fim de ser criado no Rio de Janeiro, possivelmente, um "Bureau" do Movimento de Libertação de Angola.

### LIBERTACAO

Falando a propósito das colônias portuguesas do Ultramar, o sr. José Lima de Azevedo informou que depois da reunião de Casablanca, realizada em 1960 e da qual participaram representantes de todos os movimentos políticos empenhados na sua libertação, foram estabelecidas as linhas gerais de um plano comum de acção. Para maior eficiência da interligação dos vários movimentos, centralizou-se em Rabat o secretariado do órgão de cúpula de todos esses movimentos de libertação e de luta pela independência total das colônias portuguesas. A situação particular de Angola — acrescentou — é de todas a mais grave, em virtude das condições materiais e económicas mais propícias, pois representa um

campo fértil para as atividades materiais e comerciais de Portugal no conjunto de suas colônias.

A luta em Angola, desde o início das atividades revolucionárias, tem sido das mais arduas e difíceis, ponderando em seguida — já foram mortos 50 mil angolanos, enquanto cerca de 200 mil se viram obrigados a se refugir em Leopoldville e Brazzaville. O poder repressor metropolitano — advertiu depois — atinge aí paralelos inacreditáveis, porque as intimidações e ataques às aldeias são feitos sem um mínimo de consideração pela população implicando não apenas no sacrifício dos guerrilheiros, mas, também, de velhos, mulheres e até crianças. E, isto, exatamente, que vem fazendo com que o povo em massa, se levante contra tais métodos de acção, pegando em armas e extraindo do próprio sofrimento e de seus sentimentos de libertação as condições necessárias de sua luta pela independência total de Angola.

Portugal — prosseguiu — mantém um efetivo de 30 mil soldados em Angola, fortemente armados. E' uma luta desigual, pois, enquanto isso acontece, os angolanos dispõem ainda de poucas armas, embora ultimamente a situação tenha melhorado, com o adestramento de guerrilheiros às modernas técnicas de combate munidos de armamento ligeiro. "Quando do início da luta, há 14 meses — prosseguiu — caso os nacionalistas tivessem à sua disposição o armamento com que contam atualmente, a libertação de Angola teria sido alcançada em seis meses, ante a surpresa em que apanhamos os portugueses". Apesar de tudo não se pode afirmar quando esta luta terá fim: pode durar ainda muito tempo, pois é sempre cheia de obstáculos a luta de guerrilhas, e a não ser que algum acontecimento político surja a oportunidade que reclamam as colônias portuguesas será retardada.

### FUGA DE PORTUGAL

Em seguida, o sr. José Lima de Azevedo encerra suas considerações descrevendo a situação de exatidão em que se encontram os estudantes das colônias portuguesas na própria Metrópole, cada vez mais agravada, sobretudo depois que se complicou a situação em Angola. São destratados e vexados, culminando os fatos, não faz muito, com a ameaça de prisão em Portugal. Viram-se por isso, obrigados, há alguns meses, a fugir do país, em massa, organizando um plano que os levou através da Espanha, mediante os seus próprios meios e o auxílio de uma instituição de ajuda a refugiados, à França. Foi uma longa peregrinação, cheia de obstáculos, mas que culminou com a fuga de 64 estudantes das colônias, que realizavam cursos em Lisboa, Porto e Coimbra. A situação foi tão embaraçosa para a PIDE, que obrigou Portugal a forjar — segundo o sr. José Lima de Azevedo — uma "nota oficial" Geral de Ultramar, e a procurar entendimentos com o governo francês pedindo o repatriamento e sugerindo a troca de fugitivos por adeptos do general Salazar refugiados em Portugal. Isso obrigou os estudantes e escapar para Bonn e posteriormente para Ghana.

# Cinquenta bilhões de cruzeiros!

A repressão e a guerra colonial salazarista custaram em 1961 cinquenta bilhões de cruzeiros ao povo português.

Este ano o povo trabalhador de Portugal pagará mais cento e cinquenta bilhões de cruzeiros de impostos que o governo salazarista destina em cerca de 40% à manutenção das forças repressivas, do exército e da continuação da sua política de aventura e guerra.

A proposta da Lei de Meios para 1962 prevê a completa belicização da economia portuguesa, anunciando o governo que "as despesas de guerra terão prioridade sobre todas as outras" e prevendo mesmo que o ministro das Finanças possa anular dotações do orçamento para cobrir os encargos de guerra.

# «Um sofisma constitucional»

Da intervenção do deputado Victor Barros no "Parlamento" de Salazar. Diário das sessões de 10/2/1962.

Sem comentários, publicamos a seguir algumas passagens da intervenção dum "Deputado" por Angola.

"Será pois, porque entendo ser do interesse da Nação abrir-se nesta Câmara debate sobre a nossa futura posição ultramarina que ouso levantar aqui a minha voz. Com efeito, perante o agravamento constante dos acontecimentos que estão afectando a nossa soberania em terras de além-mar, pareceu-me que não constituía ato de lealdade para com a Pátria furta-me, por comodidade ou medo, a alertar a Nação contra uma política que reputo errada e que se me afigura não compensar sequer o tremendo esforço que se está a despendar na defesa do sagrado território nacional.

E entendo-a errada na medida em que, desatenta, por longo tempo, à formidável aceleração dos fenómenos históricos processados em Africa, pretende considerar resolvido o problema da sua adaptação aos novos condicionamentos aí criados mediante o anexo a sofismas constitucionais, mesmo depois que alguns dos que tínhamos por aliados, já abertamente confessaram que não há remédio que possa disfarçar as divergências existentes sobre a atitude a tomar-se perante os problemas coloniais, pelo que assim, e quanto à Africa, necessário se tornava encarar a hipótese do risco de outro choque de opinião, arrastando consigo a mesma desilusão que o caso de Goa.

Está errada na medida em que, negando-se a discutir sequer os graves problemas que constituem a causa da agitação social reinante no ultramar não só não serve o interesse nacional como também o do mundo ocidental.

Dei a preocupação crescente dos países nossos amigos — o Brasil por exemplo — e o significado das votações contra nós feitas na ONU.

Está errada na medida em que nunca teve em conta, nem, ao que

### O POVO PORTUGUES PAGA

Para os grandes interesses monopolistas continuarem a dominar as colônias portuguesas e a auferirem pelo menos por mais algum tempo, os lucros fabulosos que arrancam ao trabalho forçado dos povos nativos, o povo português paga com o seu sangue, com o seu trabalho e com privações de todo o genero. Salazar, obcecado pelo poder, olhando o novo, profetiza a miséria e a bancarrota, a fome e a onresão. A dívida pública interna atingiu em 1961 o montante de duzentos e vinte bilhões de cruzeiros e a dívida externa aumenta aceleradamente sendo a balança comercial cada vez mais deficitária e prevendo-se o esgotamento rápido das reservas em moeda estrangeira e a consequente desvalorização do escudo.

### A EXPERIENCIA ENSINA

O novo português sabe cada vez melhor o significado do fascismo salazarista, o significado das tão decantadas "provincias de além mar". A repressão e o esgotamento até à miséria e a morte na defesa dos mononolistas que se enriquecem à custa do sacrifício do povo português e dos novos das colônias portuguesas tornam cada vez mais claros os problemas coloniais e o valor das liberdades políticas.

Nas últimas manifestações de rua em 31 de Janeiro e 8 de março deste ano, o povo mostrou que não mais está disposto a ser enganado, existindo que acaba a guerra colonial, que seja deposto Salazar e restabelecidas as liberdades democráticas em Portugal.

parece, pretende fazê-lo agora, a vontade e os legítimos anseios dos residentes nas províncias ultramarinas, quer brancos, quer pretos, daí naturais ou não.

E ainda está errada essa política quando pensa que pode achar-se qualquer solução no sentido definitivo do bem nacional, com golpes de força ou discricionárias medidas policiais que ao seio dessas parcelas da mãe Pátria têm roubado alguns dos seus filhos mais queridos na persuasão, e só na persuasão, de idéias autonomistas que não existiram nunca, muito embora talvez se possa reconhecer que estes, como imperativo de sobrevivência e para além de todos os sacrifícios de ordem pessoal, tenham aceitado como forçosa uma certa acção com vista a moralizar a Governação. E porque está assim errada essa política, profundamente errada, não vejo que outro remédio possa haver que não o de corrigi-la na medida em que o ditarem os interesses do País e com a urgência que nos é imposta pela hora que vivemos, hora não só difícil, mas também definitiva.

Altemos pois a nossa capacidade e possibilidades de acção a uma política de verdade e comecemos por reconhecer, com humildade cristã, que persistir é fazer mergulhar o País na maior tragédia da sua história e que há que pôr um dique a todo esse estado de coisas que fez com que a vida administrativa ultramarina constituísse uma colossal mentira.

Acetemos, ainda a livre discussão do problema, dando a ela acesso a todos os portugueses de boa vontade, e torne-se claro que, qualquer que seja o jogo diplomático em que o Governo entenda dever empenhar-se, lhe não será lícito ignorar a vontade da Nação. Aqueles passam e esta fica."

E mais adiante:

"Falhou-se aí estrondosamente; na colonização dirigida; amarrouse a vida económica das províncias aos exclusivos e outros protectionismos; encastou-se a sua vida administrativa com afilhados quase sempre incompetentes e desconhecedores dos problemas locais e o mais das vezes desonestos; pela coacção ou pela censura às formas de livre expressão do pensamento, fizeram-se calar as vozes dos que desejavam apontar erros, sugerir soluções, pedir justiça; votou-se o ensino a um autêntico abandono; apadrinhou-se em certas zonas uma economia agrícola manifestante desumana e degradantemente imoral; enxovalha a nossa missão civilizadora com prepotências e arbitrariedades.

Não podiam ser outras as consequências de toda esta atuação desordenada e cega.

Mas serão piores, muitíssimos piores, as que se lhes seguirão, se o problema não for prontamente discutido e se outro rumo se não der à nossa política ultramarina.

Neste sentido faço um apelo de consciência e de urgência. Sinto que é esta a última oportunidade para o fazermos.

E em resposta aos apartes dos deputados fascistas com o seu presidente à cabeça e referindo os atos de força com os quais a ditadura pretende continuar a sua política de suicídio disse:

O que está em causa é alguns desses atos terem atingido pessoas que estavam longe da zona do terrorismo, indivíduos que faziam a sua vida normal e que estão aqui na metrópole, detidos, e em relação aos quais se têm feito ao Governo apelos no sentido de serem postos em liberdade. Trata-se de uma medida absolutamente necessária, pois só assim será feita a necessária justiça e se evitarão ondas de descontentamento.

E' nesse sentido que me referi a atos policiais e é nesse sentido que lanço, também, um apelo ao Governo, pedindo que essas pessoas sejam soltas e enviadas para os seus meios".







## Atividades dos diversos

### Comitês nacionais

A redação do *Portugal Democrático* chegou o primeiro número do Boletim do Comitê Italiano para a Amnistia e as Liberdades Democráticas em Portugal.

A constituição desse Comitê em 12 de Janeiro passado com a presença do Prof. Ruy Luis Gomes e do escultor José Escada como representantes da Oposição portuguesa representou um grande triunfo na luta pela anistia para os presos e exilados políticos portugueses.

As personalidades italianas que constituem o Comitê e cujos nomes já foram divulgados por *Portugal Democrático* e as multiplas adições, representando as mais diversas camadas da população italiana, divulgadas neste primeiro Boletim são a garantia do êxito e da repercussão do movimento de solidariedade aos presos políticos portugueses.

O Comitê Italiano para a Amnistia e as Liberdades Democráticas em Portugal informa também através do Boletim de preparação de uma grande Assembléia italiana a realizar-se ainda este mes para debater a atual situação repressiva em Portugal e preparar a participação do movimento italiano na Conferencia dos Países da Europa Ocidental pela Anistia aos Presos e Exilados Políticos Portugueses.

—oO—

Também da Inglaterra temos noticia de que o Comitê de personalidades que patrocinam a relação da Conferencia divulgou uma circular e um apelo destinados a engrossar o numero de adesões à Conferencia e a recolher sugestões sobre as formas mais indicadas para a preparação da mesma.

—oO—

Em França foi constituída a Comissão Permanente do Comitê de Iniciativa Francesa para a organização da Conferencia, que enviou ao *Portugal Democrático* uma carta salientando a importancia do trabalho desenvolvido e da colaboração do movimento brasileiro para esta iniciativa. Em especial salientava a importancia da ajuda financeira que daqui poderá ser dada e da qual depende, em parte, o sucesso da Conferencia.

2

## Situações que exigem solidariedade urgente

A Comissão Permanente do Comitê de Iniciativa Francesa divulgou, com o título acima destes gravíssimos fatos:

**MANUEL RODRIGUES DA SILVA** — (Cadeia de Peniche) — Cumpriu já um total de 21 anos dos quais 9 no Campo de Concentração do Tarrafal (Cabo Verde). Preso pela segunda vez em 1950 terminou a pena em 1958. Entretanto, há já 11 anos que a PIDE o matem encarcerado e sendo parte do tempo em regime celular e de sub-alimentação.

**MANUEL GUEDES** — (Cadeia de Peniche) — Com um total de 15 anos de prisão, 11 de vida clandestina, 30 de luta contra o fascismo. Preso pela terceira vez em 1952, foi condenado a 4 anos de prisão. A policia mantém o preso ilegalmente há já 10 anos e recusa pô-lo em liberdade transformando desta forma a condenação do tribunal em verdadeira prisão perpétua.

**CANDIDA VENTURA** — (Cadeia de Caxias) — Presa em 1960 após 18 anos de vida clandestina. Desde a sua juventude luta contra o fascismo. No momento da sua prisão encontrava-se grávida. O choque emocional sofrido provocou um aborto que pôs a sua vida em perigo. Entretanto, a policia politica, numa nitida tentativa de assassinato mantem-na no "segredo", recusando-se a interná-la num hospital e proibindo-lhe mesmo a visita dos seus familiares.

Candida Ventura continua gravemente doente, sem assistência médica adequada, e submetida a desumanos e constantes maus tratos.

**MARIA LUISA DA COSTA SOARES** — (Cadeia de Caxias) — Presa em 1958, foi condenada a 2 anos e meio de prisão por ter acompanhado o seu marido na vida clandestina a que as perseguições policiaes o haviam forçado. Gravemente doente, foi obrigada a fazer greve da fome durante dois dias para ser internada num hospital onde foi submetida a uma delicada operação. Pouco tempo após esta intervenção cirurgica e apesar dos protestos dos médicos, Maria Luisa foi novamente conduzida à prisão onde é mantida praticamente sem assistência médica. O seu estado de saúde agrava-se de tal forma que a sua vida corre perigo.

A pena em que foi condenada há muito terminou.

4

Ita

## NOTIZIE DAL PORTOGALLO



COMITATO ITALIANO PER L'AMNISTIA E LE LIBERTADIS DEMOCRATICHE IN PORTOGALLO  
CENTRO OPERATIVO: 101 - 101 PORTOGALLO  
CASA: 101 - 101 PORTOGALLO

Este é o primeiro numero da revista "Notizie dal Portogallo", editado pelo Comitê Italiano.

### INTENSIFICA-SE O NUMERO DE

### ADESÕES AO MOVIMENTO

### PRO-ANISTIA

ROMA — Receberam-se mas as seguintes adesões: Gianvittorio Baldi, cineasta; Rossana Mattioli produtora de TV; Angela Bianchini, Escritora; Vittorio Bodini, escritor; Piero Caleffi, senador; Ennio Capozucca, funcionario TV; Agnese de Donato, bibliotecário; Lucia de Laurentis, diretora de Departamento Musical de TV; Sergio de Santis, publicitário; Stefano de Stefani, diretor de TV; Salvatore de Simone, senador; Piero Dorazio, pintor; Franco Evangelisti, musicologo; Tommaso Fiore, escritor; Nino Franchina, escultor; Ana Garofalo, escritora; Guida Giongo, funcionario da TV; Enzo Golino, publicitário; Renato

**HUMBERTO LOPES** — (Cadeia de Peniche) — Advogado prestigioso. Opositorista bem conhecido do regime pelas suas posições democraticas desde a sua juventude e por inumeráveis defesas de acusados de actividades politicas diante dos tribunais.

Muitas vezes preso, a policia politica nunca conseguiu fazê-lo condenar por um tribunal, mesmo de acordo com as leis em vigor, tão brutais e tão arbitrárias.

Em 1956 encontraram o pretexto o mais inadmissivel para o condenar: teria "participado de actividades subversivas" quando se encontrava detido numa das prisões politicas portuguesas!

Continua preso em Peniche, onde sofre sevícias e provocações constantes.

Este caso particularmente revoltante provocou a prisão em pleno tribunal, do advogado de defesa, e da mulher do acusado quando desmantelavam completamente a farsa das pseudo actividades subversivas. O seu defensor, advogado Manuel João da Palma Carlos, ficou sem o direito de advogar nos tribunais portugueses, mas a acção da Ordem dos Advogados, apoiada pela grande maioria dos seus membros, anulou esta decisão do Tribunal Plenário de Lisboa.

**MARIA ANGELA VIDAL CAMPOS** — (Cadeia de Caxias) — Presa há 9 anos, esteve 11 meses no "segredo" e 4 anos sem julgamento.

Com a pena cumprida há já 4 anos, com dois periodos de "medidas de segurança"; os longos anos de prisão, maus tratos, insultos, e sub-alimentação causaram-lhe uma grave doença nervosa que põe a sua vida em risco. Observada por especialistas, estes concluíram que a cura só seria possível em liberdade.

No momento da sua prisão, Maria Angela tinha com ela um filho de 2 anos. As cenas de violência às quais assistiu e a brutal separação da sua mãe produziram na criança um forte choque psiquico cujas consequências ainda não desapareceram. A todas as tentativas feitas para libertá-la, a PIDE responde com violencias e medidas arbitrárias, como por exemplo a prisão dos cinco advogados que desejavam apresentar a ONU o caso desta patriota. Entretanto, a Federação Internacional dos Direitos do Homem dirigiu-se em 21 de Novembro de 1960 ao Secretariado da ONU.

**AIDA DA CONCEIÇÃO PAULA** — (Cadeia de Caxias) — Presa pela segunda vez em 1958, com quase 20 anos na clandestinidade, toda uma vida na luta contra o fascismo. Com o sistema nervoso fortemente abalado, esgotamento cerebral e insónias continuas. Sofre de avitaminose e de outras perturbações de origem nervosa.

## Suação dos presos políticos espanhóis

Queridos Amigos e Companheiros: Não foi sem fortes razões que as Conferencias pela Amnistia de Montevideu e de São Paulo, a Campanha Mundial pela Amnistia, uniram sob uma unica bandeira o pedido da vossa libertação e da nossa, pois, além das afinidades de raça, une-nos o facto de Portugal e Espanha sofrerem ditaduras similares e dois homens, Salazar e Franco, durante mais de um quarto de século terem imposto aos seus povos a fome, o terror e a pressão e encerrada nas suas prisões os patriotas que se temem oposto a tal estado de coisas.

A Campanha pela Amnistia a nosso favor vai tomando tal força, tal potencia, que ambos os ditadores já não podem ocultar que nas prisões portuguesas e espanholas existem centenas de presos politicos por lutarem contra os seus regimes.

Companheiros Portugueses, a nossa liberdade e a vossa estão próximas. A campanha mundial a nosso favor e a luta dos nossos respectivos povos arrancar-nos-á das prisões em que nos encontramos e terminará com os regimes anacrónicos que sofremos e nós poderemos voltar aos nossos lares, onde há tantos anos faltamos, e trabalhar pelo bem da patria.

Desejamo-vos um feliz fim de ano e que o próximo vos traga a liberdade. Por vosso intermédio saudamos com emoção as vossas familias e o vosso povo ao qual desejamos um rapido triunfo na luta que leva a cabo para estabelecer um regime democratico.

Abraçam-vos fraternalmente  
Os Presos Políticos da Prisão Central de Burgos.

## Não clamareis em vão

A divulgação do extraordinário entusiasmo que caracteriza todas as iniciativas visando assegurar o máximo êxito da PRIMEIRA CONFERENCIA DOS PAISES DA EUROPA OCIDENTAL PARA A ANISTIA AOS PRESOS E EXILADOS POLITICOS PORTUGUESES — obriga-nos a interromper, neste numero, a publicação das cartas, das mulheres portuguesas nas prisões da PIDE, contando toda a sorte de bestialidades de que são vítimas as antifascistas de Portugal!

Essa publicação recomeçará no próximo numero.

Sem assistência médica, o seu estado de saúde agravou-se de uma forma extraordinária nos ultimos tempos. A constante preocupação com a vida da sua mãe, Luisa Paula, presa com ela no Forte de Caxias, agrava ainda mais a sua doença.

Ainda que a sua pena já tem terminada, a PIDE recusa-se a libertá-la ou interná-la num hospital conforme o seu estado de saúde o exige.

**LUISA PAULA** — (Cadeia de Caxias) — Presa pela segunda vez em 1958 com sua filha Aida Paula, com a idade de 62 anos e 18 anos de clandestinidade. Sofre de fortes crises de falta de ar e hemorragias provenientes duma úlcera no estomago.

Condenada a 2 anos de prisão, a PIDE mantém ilegalmente na Fortaleza de Caxias em condições desumanas.

**MARIA DA PIEDADE GOMES DOS SANTOS** — (Cadeia de Caxias) — Presa há 3 anos, ficou 2 anos e meio sem julgamento. Condenada a 2 anos de prisão a policia mantém-na ilegalmente encarcerada, submetida a maus tratos e a sub-alimentação. A sua saúde está profundamente abalada; constantes hemorragias, tão fortes que, por vezes, teve necessidade de transfusão de sangue.

Já terminou a sua pena.  
**IVONE DIAS LOURENÇO** — (Cadeia de Caxias) — Presa há 4 anos, durante 3 anos sem julgamento. Condenada a 2 anos de prisão já cumpridos. Sômente com 24 anos, contraiu na prisão uma laringite tuberculosa. Recusam-lhe os tratamentos necessários.

**JULIETA GANDAR** — (Cadeia de Caxias) — Presa em Angola; acusada de ajudar à luta de libertação desta colônia.

Transferida para a metropole, encontra-se num estado de saúde precário, com fortes crises de fígado que exigem intervenção cirurgica imediata e eficaz. A PIDE recusa-lhe qualquer espécie de tratamento.

## Justiça Salazarista

### PLENARIO DO PORTO

PORTO — O tribunal que julga os casos politicos encerrou o processo das 19 pessoas acusadas de propaganda contra o regime. Os acusados, na maioria, foram condenados a penas que vão de 4 a 18 meses de prisão. Quinze foram postos imediatamente em liberdade, pois já haviam cumprido as penas impostas de prisão preventiva.



Já se encontra à venda este livro de poemas, de Carlos Maria de Araujo, cujo tema é o da luta pela liberdade.

Pedidos à nossa Redação — Custo: Cr\$ 250,00 cada exemplar, e mais despesas de correio.

## Natal do Preso Politico

O Nucleo de Portugueses Anti-fascistas de Niterói enviou-nos Cr\$ 14.000,00 provenientes da "Campanha de Solidariedade aos Presos Políticos de Portugal e Espanha" levada a efeito no transcurso daquela data natalicia em 1961.

Em nome dos Presos Políticos Portugueses, o nosso jornal agradece, esta contribuição para a sua campanha permanente, aplaude a iniciativa apontando-a como exemplo para todos os nucleos de portugueses anti-fascistas do Brasil.

### PLENARIO DE LISBOA

LISBOA — Sob a presidencia, como habitualmente, do desembargador dr Silva Caldeira, realizou-se no Tribunal Plenário da Boa Hora o julgamento dos srs. João Pereira Duarte de 31 anos, lapidário, Adriano M. Barbosa Nobre, de 32, operário; João Domingues Jubileu Jr., de 35, encaixador; e Vitor Manuel de Jesus Pires, de 31, vidreiro, todos moradores em vários lugares do cencelho da Marinha Grande e acusados de actividades subversivas.

Foram condenados, o sr. João Duarte em dois anos e 5 meses de prisão maior; o sr. Adriano Nobre, em 2 anos e 2 meses de prisão maior, e ambos em medidas de segurança, perda dos direitos politicos e 1.000 escudos de imposto de justiça; o sr. João Jubileu em 18 meses de prisão correccional e o sr. Vitor Pires em 22 meses de prisão correccional, estes dois últimos privados de direitos politicos por 5 anos mas com a pena suspensa por 5 anos.

## Algumas condenações nos tribunais plenarios até ao final de 1961

**FERNANDA PAIVA TOMAZ** — 32 anos, licenciada em letras. 8 anos de prisão maior e medidas de segurança.

**JULIO GIL SALVADOR** — 42 anos, vidreiro, casado, da Marinha Grande. 5 anos de prisão maior e medidas de segurança.

**MANUEL DE SOUSA BARIDÓ** — 47 anos, empregado de escritório, casado, da Marinha Grande. 5 anos de prisão maior e medidas de segurança.

**MANUEL FRANCO** — 38 anos, encarregado fabril, casado, de Marinha Grande. 2 anos e 2 meses de prisão maior e medidas de segurança.

**ROGER DE OLIVEIRA MARTINS** — 27 anos, pintor, da Marinha Grande. 2 anos e 2 meses de prisão maior e medidas de segurança.

**CARLOS ALEXANDRE** — 34 anos, desenhador, da Marinha Grande. 2 anos e 1 mes de prisão maior e medidas de segurança.

5



# Proclamação ao povo português

A TODOS OS PORTUGUESES

A nefasta política de Salazar e da sua "clique" arrastou o país para uma situação angustiante que faz que neste momento, a luta contra o Estado Novo seja uma exigência inadiável de salvação nacional.

Impõe-se que todos tenhamos consciência desta trágica realidade: — Graças ao salazarismo, a Pátria está em perigo! A própria continuação de Portugal como nação independente está ameaçada. Os corifeus do salazarismo, cegos pelos seus dogmas e incapazes de distinguir entre os interesses do fascismo e os do país, concertaram com a Espanha franquista um pacto capaz de conduzir à obscuração pura e simples de Portugal, facilitada ainda pela desintegração em curso dos territórios coloniais. Salazar é o Cristóvão de Moura dos nossos dias.

Em entrevistas secretas com o Ministro da Guerra da Alemanha Ocidental, Strauss, o ditador português contratou a vinda para o nosso país de 17.000 soldados teutónicos que virão dentro em breve acampar junto de Beja, para abafarem a ânsia de libertação do povo português e suprirem o apoio do exército em que o tirano deixou de poder confiar. Assim, Salazar prepara-se para continuar a mandar da única forma que lhe é possível, ante o ódio geral dos portugueses: — Como um títere de interesses estrangeiros num país ocupado!

Em vez de prever e enfrentar a nova situação mundial criada pelo acesso à independência dos povos coloniais de África e da Ásia, dentro dum espírito moderno e realista, em vez de preparar novas relações amigáveis com os povos até agora sujeitos ao domínio colonial português, por forma a salvaguardar interesses nossos fundamentais e legítimos, em vez de estudar e planejar a reconversão da nossa economia na dum país que deixou de poder explorar povos coloniais, Salazar e a sua "clique" obstinaram-se numa política ruinosa, que só pode conduzir à perda a curto prazo e da pior maneira dos interesses nacionais no Ultramar e ao descalabro interno do país. Eis o que em 17 de janeiro último, em editorial, escrevia o "New York Times", órgão oficioso da administração norte-americana: "... Os portugueses são um povo de tendências suicidas não individualmente mas como raça. Hoje é difícil fugir-se a tal pensamento quando se encara Portugal, vivendo com a sua antiquada ditadura e as suas idéias imperiais num mundo que o ultrapassou como o furacão que devastou um edifício, deixando-lhe a fachada prestes a ruir". E conclui: "De qualquer forma, as colónias portuguesas de Angola e Moçambique conseguirão a independência. Melhor será para elas e para Portugal se o governo de Lisboa ajudar tal evolução".

O salazarismo, arte a impossibilidade de dominação colonial obstina-se na proclamação de velhos princípios condenados, defendendo-os por meios terroristas que são tantas aventuras quantas as crises que surgem em Angola, na Índia, na Guiné de hoje, em terras de Moçambique, de Timor, de Macau amanhã. Partiu em guerra contra os povos colonizados do Ultramar e contra todo o mundo na ONU e até na O.T.A.N., envolvendo com ele o país num beco sem saída. Não atendeu aos conselhos e protestos que, desde há muito, lhe foram feitos pelos patriotas e democratas portugueses. Não escutou sequer as prevenções nem ponderou os exemplos dos governos das nações consideradas amigas e aliadas. A Inglaterra insistentemente tem-no aconselhado a mudar de rumo. O representante do Brasil na ONU, Afonso Arinos ainda na Assembleia Geral de Janeiro corrente, ergueu a sua voz amiga num discurso eloquente aconselhando "a libertar Angola e a transformá-la num país independente, tão amigo de Portugal como o Brasil". Até os Estados Unidos têm feito múltiplas

advertências no mesmo sentido. Mas nada demove a cegueira do salazarismo em prosseguir na sua implacável política suicida. Ele não teve em conta a nossa débil estrutura económica e financeira, incapaz de arrancar com as suas aventuras militares ruinosas. Não atentou no sangue da Juventude vertido em vão. A nenhuma consideração de bom-senso se rendeu, crendo que podia impunemente aplicar na dominação colonial e nas relações internacionais os métodos de violência e de trapaça com que mantém o país sob a sua férrea ditadura.

Salazar está louco. Negou-se a contemporizar na Índia, a procurar aí salvar, por meio de prudentes negociações, o que pudesse ser salvo, como lhe aconselharam, desde 1954, os democratas portugueses que, só por isso, mandou encarcerar. Preconizou uma política de guerra ante as pretensões da União Indiana mas deixou as tropas que para lá enviou sem quaisquer meios adequados de defesa. E quando a luta armada começou, enviou dois telegramas ao governador Vassalo e Silva em que na sua megalomania criminosa, ordenava que não houvesse feridos nem prisioneiros entre os portugueses mas "só mortos ou vencedores". A aventura saldou-se por um monstruoso e ridículo fracasso. O "Paris-Match", referindo-se à inexistente resistência portuguesa, disse que o exército indiano encontrou a enfrentar-lo "um pequeno exército que tinha feito HARA-KIRI".

Mas na imprensa, na rádio e na televisão oficiais esta vergonhosa humilhação por que Salazar fez passar o exército português, assume tons de epopéia!

Por uma falsa política de prestígio, o salazarismo caiu no máximo desprestígio, dentro e fora do país. E conduziu-nos ao limiar da ruína económica, do caos social e da perda da independência. Ele não tem outra ambição senão a de perder para tudo e contra todos, sejam quais forem os sacrifícios que isso custe à Nação. Para isso prepara agora uma campanha na imprensa através duma série de violências contra os democratas, acusando-os da perda das colónias de que só ele e a sua criminosa política são culpados. Esta campanha já começou com a famosa nota do S.N.I. insultando o nobre democrata Dr. Manuel Sertório, com uma série de notícias caluniosas sobre Humberto Delgado e Henrique Galvão e com as diatribes do Ministro do Exército, General Mário Silva.

Entretanto, diariamente continuam a embarcar para o Ultramar, como carne de canhão ao serviço dos delírios do velho ditador, mais contingentes militares...

O Orçamento para 1962 anunciou novos e mais pesados sacrifícios tributários (quando os de 1961 eram já incombortáveis), que a primazia iria para as despesas militares e de repressão, orçadas em cerca de 6 milhões de contos, o que representa a duplicação da já empoladíssima dotação normal. O Estado não tem dinheiro, a máquina administrativa desorganiza-se, o custo de vida aumenta astronômicamente, os saldos negativos da balança comercial ultrapassam os 8 milhões de contos anuais, o imposto de selo duplica, o imposto de consumo quintuplicou de rendimento em relação ao inicial.

Na base de tão insustentável situação, cresce e luta do novo português contra o salazarismo. As verdadeiras insurreições populares de Almada e Alpiarça em que a população pediu armas e tentou alcançá-las, impedindo os desfilamentos das forças de choque e lutando corpo a corpo com elas, dão uma ídela da revolta que alastra. As grandes manifestações juvenis e populares de Lisboa e Coimbra, em que os manifestantes também enfrentaram os agentes da repressão e combateram contra eles, demons-

tram que o espírito de luta aumenta entre os jovens e o povo. Os estudantes universitários de Lisboa e Coimbra mantêm a agitação revolucionária contra o fascismo e nem as ameaças nem as prisões quebram essa indomável disposição. No Couço e em Grândola, igualmente o povo enfrentou os salazaristas durante os eleições-burla de Novembro passado. A última e heróica fuga de presos políticos da prisão de Caxias mostrou que os próprios muros das masmorras fascistas são frágeis, por altos e espessos que pareçam, para quebrar a vontade decidida da luta. O General Humberto Delgado pôde entrar clandestinamente em Portugal, aqui permanecer doze dias e voltar a sair, apesar das batidas que foram organizadas com poderosos meios policiais e oficiais em todo o país para a sua captura, só porque o povo e os democratas o acarinham no seu seio.

Em Beja, pela primeira vez, lutando denodadamente lado a lado, um punhado de abnegados civis e militares anti-salazaristas, chefiados pelo Capitão Varela Gomes e pelo dirigente católico Manuel Serra, indicaram com o seu exemplo e o seu combate generoso, como é possível e está próximo o derrubamento do salazarismo.

Há que aprender com estas lições. Aí onde se luta, o fascismo recua. E se o fascismo recuar por toda a parte, se lutarmos todos contra ele, individual e coletivamente, não haverá armas nem ocupações estrangeiras que possam salvá-lo. Com o derrubamento do fascismo, e só com ele, poderá sair a Pátria do abismo para que Salazar e a sua "clique" a empurram, extinguindo-se assim as labaredas da guerra de Angola e curando-se as feridas abertas pela aventura da Índia.

Mas para isso é preciso que atuem todos democratas ou não, rapidamente, nesta hora decisiva, conjungendo os nossos esforços, numa jornada suprema de libertação nacional.

O fascismo está na ilegalidade. Ele é o crime e a loucura suicida, e somos nós, os que lutamos contra ele, que encarnamos a verdadeira legalidade, os interesses da Pátria ameaçados. Chegou o momento em que colaborar com o salazarismo sob qualquer forma é trair a Pátria.

Precisamos todos imediatamente de nos ORGANIZARMOS e de AGIR.

Reunamo-nos, aberta ou secretamente, para a luta decisiva que está à porta. Devem constituir-se por toda a parte, integradas nas já existentes e em colaboração com elas milhares e milhares de Juntas de Ação Patriótica, preparadas para agirem clandestinamente. Essas juntas devem emprender logo onde atuarem o esclarecimento por todos os meios da opinião pública e dos membros das forças armadas, dirigindo e orientando as muitas campanhas que é possível emprender, traduzindo-se em movimentos de protesto e reclamação e finalmente em ações populares e de insurreição contra o fascismo.

Por outro lado, impõe-se que todos os portugueses dignos deste nome lutem pelas suas reivindicações também no plano legal, independentemente da sua ação nas Juntas (embora coordenando os seus trabalhos com as diretrizes e orientação destas). Nos Sindicatos Nacionais, nos Gremios, Casas do Povo e dos Pescadores, Ordens dos Advogados, Médicos e Engenheiros, através de cartas e artigos na imprensa, de representações, reclamações e concentrações populares de ações nas freguesias, concelhos e bairros em prol das necessidades dos povos, de inscrições nas paredes, de recusa de obediência às determinações do fascismo, de atos de resistência sob todas as formas, devem criar-se o entusiasmo e a força capazes de conduzir ao derrubamento da ditadura salazarista.

Os próprios filhos do povo armados, que são os soldados, estarão ao seu lado em armas logo que o vejamos decidido a lutar pela sua libertação. Por isso ante as lutas populares que se avizinham e o crescente enfraquecimento do fascismo, já não há que recear as forças armadas.

A vitória nacional está próxima. Abaixo Salazar, inimigo nº 1 de Portugal!

**ORGANIZAÇÃO EM AÇÃO!**  
PORTO, Janeiro de 1962  
JUNTA DE AÇÃO PATRIÓTICA.

Formemos milhares de juntas e voltemo-las para a ações de massas, políticas, económicas e sociais!

## Breve balanço para um programa de ação

Manuel Sertório

1. Trinta e seis anos de fascismo tornaram irreversível a oposição de 10 milhões de portugueses, por um lado, pelo outro, Salazar e os irremediavelmente comprometidos com ele (no exército, na finança e no alto clero).

Esta é a maior fraqueza e porventura, ao mesmo tempo, a maior força do salazarismo, já que é legítimo supor-se que a heterogeneidade dos anti-fascistas é uma das primeiras dificuldades no caminho de uma plataforma de ação para o derrubamento do salazarismo e para a subsequente democratização da sociedade portuguesa.

Há que chegar rapidamente a conclusões claras sobre os limites existentes para aquela plataforma, em função dos diversos interesses classistas dos que combatem o regime português, das suas variadíssimas profissões e formações mentais e das suas dispares ideologias políticas; e que levar essas conclusões à prática, não menos rapidamente e por maneira tão sólida quanto possível, mediante as palavras de ordem concretas necessárias para que a preparação do processo insurrecional deixe definitivamente de pertencer ao domínio da literatura política para passar ao da ação quotidiana adequada a esse fim.

Do trabalho que neste sentido se realizou e do processo pelo qual o salazarismo vier a ser derrubado dependerá que estes amargurados anos de fascismo sejam considerados pelos historiadores do futuro como uma interrupção (a mais longa não só da nossa história como da história universal) da revolução democrato-burguesa ou como a noite precursora do alvorecer de uma nova sociedade de liberdade autêntica e de justiça social.

2. Muito se encontra feito já para um verdadeiro PROGRAMA NACIONAL DE AÇÃO ANTI-FASCISTA.

Resumidamente:

- a) A compreensão de que a luta tem de se desenvolver, simultânea e coordenadamente, no plano reivindicativo da legalidade e no sublegal ou clandestino;
- b) a aceitação da necessidade da cooperação ou unidade de ação entre as forças anti-salazaristas atuantes;
- c) a resolução do problema organizativo, pela adoção do esquema das Juntas de Ação Patrióticas.

E no exterior:

- d) a aceitação do primado da Frente Interna;
- e) a justa apreciação das potencialidades de ação da Frente Externa, longe da sua sobrevalorização mas também da sua minimização;
- f) a solução dos problemas organizativos locais, através da criação de organismos unitários e diretos.

3. Mas muito há ainda a fazer, na etapa em que nos encontramos:

- a) clarificação do tipo de ações insurrecionais possíveis no nosso país, para as caracterizar e distinguir devidamente do golpismo e do terrorismo;
- b) criação de um indiscutível comando único anti-salazarista, fortalecido e tornado responsável na ação e para a ação

No exterior:

- c) articulação eficiente entre os vários organismos e programas de ação locais;
- d) coordenação geral da atuação externa com a atuação das forças internas, funcionando a cupula política da emigração como se fora o MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS EXTERIORES DA OPOSIÇÃO.

É precisamente para que estes fins possam vir a ser rapidamente alcançados que se impõe um acerto global e franco de pontos de vista entre os dirigentes democratas do interior e da emigração.

Só a ação esclarecida e organizada da Oposição conduzirá à aniquilação do salazarismo!

## O Gen. Delgado e o caso de Goa

Recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte carta:

Assunto: Opúsculo "O Caso de Goa"

Prezado Senhor:

Durante a minha ausência em Marrocos e depois em Portugal — país onde cheguei clandestinamente no dia 30 de dezembro de 1961, véspera da revolta de Beja, e donde saí em 11 de janeiro de 1962 — foi publicado o interessante opúsculo "O Caso de Goa" editado por V. S. e de que tive a honra de receber um exemplar.

Pode acaso, convir que, para outra edição, se inclua o pequeno recorte anexo, como documentação histórica. É este extraído do "Diário Carioca" do Rio de Janeiro de 21 de maio de 1961, dia seguinte ao de eu ter recebido naquela cidade o Dr. P.D. Galtonde, então presidente do Congresso Nacional de Goa.

Como V.S. saberá, fui então insultado pelas forças fascistas e até não muito bem visto por alguns elementos oposicionistas menos realistas ou conhededores do espírito novo que corre Mundo.

Grato ficaria pela publicação desta carta e seu anexo.

"Transcrição do "Diário Carioca" do Rio de Janeiro de 21/5/61.

### LIDER GOÊS FEZ CONTATO COM DELGADO

RIO — O problema de libertação de Goa do domínio português e o de sua anexação à Índia, foram ontem discutidos durante o encontro que o líder da Oposição Portuguesa, general Humberto Delgado teve com o presidente do Congresso Nacional goês, sr. P. D. Galtonde, ora em visita ao Brasil.

Falando ao "Diário Carioca", o líder do movimento para anexação de Goa, Damão e Diu à Índia, sr. Galtonde, informou que a conversa mantida com o chefe oposicionista português, "foi muito cordial, tendo sido tratados vários assuntos sobre os problemas do seu país.

### NOTA DE DELGADO

Ao final do encontro, que ocorreu durante um almoço no Hotel Novo Mundo, nesta capital, o general Humberto Delgado distribuiu a seguinte nota à imprensa:

"Dentro dos princípios do Plano Colonial da Oposição Portuguesa, apresentada em 5 de outubro de 1960, em que a Oposição previu, pela primeira vez, o princípio de autodeterminação dos povos, analisaram-se diferentes métodos susceptíveis de darem solução à questão em aberto, no sentido de satisfazer a vontade dos goeses, dentro do espírito de cordialidade que o governo totalitário português destruiu, na sua cegueira de não querer considerar objetivamente as questões coloniais à luz do Século XX, a despeito dos trágicos resultados que está colhendo, sem cuidar, no seu egocentrismo, dos destinos de Portugal e das colónias".

## Em defesa de Arlindo Vicente

Conforme foi noticiado, o general Humberto Delgado escreveu ao Presidente João Goulart; Presidente dos Estados Unidos da América, John Kennedy; Primeiro Ministro Inglês, Harold MacMillan; Chefe da Oposição Britânica, Hugh Gaitskell; e Presidente da República Francesa, general Charles De Gaulle, a respeito da prisão pela PIDE e torturas a que está sujeito em Portugal, o Dr. Arlindo Vicente.

O primeiro a responder às cartas do general foi o sr. Hugh Gaitskell.

Diz Gaitskell, na referida carta, que leva o caso ao conhecimento dos trabalhistas membros do Parlamento e a outros "especialmente ligados aos assuntos portugueses, com a finalidade de se juntarem os protestos contra a detenção daquele líder da Oposição democrática em Portugal."



# Portugal sim! Salazar não!

## Contra o salazarismo trabalhadores estudantes e soldados

Nos últimos meses, em Portugal, os movimentos reivindicatórios dos trabalhadores, estudantes, intelectuais e soldados têm aumentado. Todos eles refletem o divórcio crescente entre a política anti-nacional do governo salazarista e os interesses das mais largas e representativas camadas da população portuguesa.

As constantes paralizações de trabalho, com exigências salariais, as concentrações nos sindicatos ditos nacionais para a assinatura de novos contratos coletivos que atendam mais aos interesses dos trabalhadores, a recusa generalizada de contribuir para a guerra em Angola, os protestos dos estudantes liceais e universitários contra a prisão de colegas e em defesa das suas associações, a resistência dos soldados aos embarques para Angola, são alguns dos aspectos que mostram a verdadeira situação do regime salazarista e da crescente organização e unidade do povo na luta pela sua substituição.

A multiplicação dessas lutas e o seu entrosamento com as manifestações de exigências de caráter estritamente político: Libertação dos presos políticos, fim da guerra de Angola, afastamento de Salazar e do seu grupo, restauração das liberdades políticas, mostram que o povo português marcha firmemente no caminho do levantamento nacional contra a ditadura.

A par de dezenas de movimentos em pequenas fábricas e empresas, são de salientar: a concentração no sindicato de dois mil operários da Carris de Lisboa e de mil e quinhentos trabalhadores da Companhia dos Telefones, o movimento de mil e quinhentos auxiliares de enfermagem, a movimentação de cinco mil camponeses da região de Pinhel e Castelo Rodrigo, as lutas dos mineiros de Cabo Mondego e dos trabalhadores da Fábrica da Pólvora em Moscavide.

## Rebelam-se os estudantes

Os estudantes têm-se mantido na primeira linha da luta contra o salazarismo. Através da realização de colóquios, onde são representadas as três academias, assembleias magnas e das associações académicas das várias escolas, discutem os seus problemas e colocam a UNIDADE ESTUDANTIL como factor primordial na luta que constantemente são obrigados a travar contra o governo obscurantista de Salazar e contra a repressão.

Em Coimbra foi decidido luto académico contra a prisão do estudante Mário Silva tendo sido feitos varios protestos junto das autoridades, ao mesmo tempo, dois estudantes da Faculdade de Letras resistiram à prisão e conseguiram com a cobertura dos seus colegas evitar que a PIDE lhe deitasse as mãos. Por todo o lado correm abaixo-assinados exigindo que cesse a repressão e que sejam libertados os estudantes presos. A comemoração da vitória dos estudantes contra o decreto 40.900 que se destinava a fascicizar as associações académicas foi também um ponto alto nas manifestações estudantis e terminou com um sarau no Instituto Superior Técnico com afluência de grande massa de estudantes.

31 de Janeiro  
Em 1891 contra a monarquia  
Em 1962 contra o fascismo!



Avante, Povo do Porto! Vamos erguer de novo a bandeira da DEMOCRACIA!

Todos na rua 31 de Janeiro às 18h30

Milhares de volantes como este que reproduzimos foram lançados de edifícios e viaturas.

## Soldados contra a guerra colonial

Os soldados continuam o seu movimento de resistência contra a ida para a guerra impatriótica e fascista em Angola. Já se contam por mais de mil, os desertores e, ultimamente, os levantamentos de rancho e os movimentos de rebeldia tomaram novos aspectos demonstrando mais unidade e organização. O último exemplo de que temos notícia é de Tancos, onde, entre os dias 7 e 11 de Janeiro passado, os soldados e cabos se mantiveram em protestos, constantes contra a má alimentação e a perspectiva de serem enviados para as colónias. De Moçambique chegam também notícias sobre a recusa dos soldados expedicionários a servirem como mão de obra para os trabalhos de ampliação dos quartéis.

## Grandiosas manifestações populares

PORTUGAL SIM!  
SALAZAR NÃO!

Este o grito da multidão de mais de 50.000 pessoas que em protestos e luta contra a polícia dominaram as ruas do centro do Porto, entre às 18,30 e 1 da madrugada, comemorando a gloriosa jornada de 31 de Janeiro de 1891.

Este o grito dos milhares de manifestantes que no dia 8 de Março comemoraram o Dia Internacional da Mulher.

No dia 31 de Janeiro passado, milhares de trabalhadores e estudantes, encheram a baixa do Porto, tornando intransitáveis as ruas 31 de Janeiro, da Madeira e dos Clérigos e as praças da Liberdade, de Almeida Garret e da Batalha.

Demonstrando o seu amor à Liberdade, o povo do Porto prestava desta forma homenagem aos heróis de 1891 e irmanava-se com eles no mesmo anseio de Democracia e Progresso.

Mulheres, jovens e velhos gritaram o seu amor à Paz, exigiram a libertação dos presos políticos e uma anistia, o fim da guerra em

Angola, o regresso dos militares prisioneiros em Goa.

Durante toda a manifestação vitoriosamente dirigidas por dirigentes democráticos, destacando-se em especial os nomes de HUMBERTO DELGADO e ALVARO CUNHAL.

Contra o enorme aparelho policial e repressivo, mobilizado por Salazar para sufocar a manifestação, o povo do Porto opôs a força da sua unidade.

Cantando o hino nacional, marcharam resolutamente contra a polícia, respondendo aos tiros com as pedras da calçada, arrancando várias dezenas de presos das mãos da polícia, manifestando durante horas o seu ódio à ditadura salazarista e a sua firme resolução de lhe pôr termo.

Um grupo de jovens quebrou as vitrines dos jornais fascistas Diário da Manhã e Diário do Norte; o agente Ferreirinha da PIDE, quando pretendia prender um manifestante foi derrubado, arrastado e batido; um chefe da P.S.P. foi ferido na cabeça.

Dos choques com a polícia resultaram feridos 22 manifestantes cujos nomes divulgamos no final desta notícia.

## Destruído o «mito do medo»

A combatividade e a decisão do Povo do Porto mostradas na manifestação do 31 de Janeiro, o seu significado para o amadurecimento da luta política do povo português contra o regime de Salazar, foram confirmados um mês mais tarde nas grandiosas manifestações do 8 de Março — Dia Internacional da Mulher.

Com efeito no dia 8 de Março novas manifestações populares convulsionaram a cidade do Porto. Solicitados por milhares de volantes, que convidavam à manifestação, milhares de populares juntaram-se nas ruas centrais do Porto, onde entre as 6,30 e as 7 da tarde manifestaram a sua oposição ao regime.

Homens, mulheres e sobretudo jovens, empunhando grandes cartazes com dísticos reclamando anistia, regresso dos prisioneiros na Índia, paz em Angola, etc., percorreram as ruas aos gritos de liberdade e cantando o hino nacional.

Novos choques com a polícia, tendo sido interrompido o transito no centro da cidade durante horas.

Muitas prisões, especialmente de jovens que continuam incomunicáveis na PIDE.

PORTUGAL, SIM! SALAZAR, NÃO! Este o grito que desde a cidade do Porto se espalhará por todo o Portugal.

PORTUGAL, SIM! SALAZAR, NÃO! O grito que anuncia a insurreição de todo o Povo Português contra a ditadura mais nefanda da sua história.

PORTUGAL, SIM! SALAZAR, NÃO! Este o grito da libertação.

## Patriotas feridos

Entre os manifestantes feridos conhecem-se os nomes de:

JOSÉ FERREIRA — 43 anos, empregado da Legião Portuguesa, Rua das Virtudes, 3.

MANUEL TEIXEIRA MOURA — 17 anos, electricista, Rua da Formiga, 69.

ANTONIO EDUARDO SAMPAIO VIOLA — 23 anos, viajante, Rua José Sebastião de Carvalho, 9, Cascais.

JOSÉ OLIVEIRA GRANJO — 34 anos, motorista, lugar de Barbeites, Sennora da Hora, Matosinhos.

JOAO DANIEL TRIGO — 24 anos, funcionario publico, Rua das Taipas, 32.

ANTONIO PINHEIRO — 56 anos, trabalhador, Rua da Bainharia, 75.

DELFIN OLIVEIRA — 46 anos, trabalhador, Lugar do Ferreirinha, Foz de Sousa, Gondomar.

VITOR SOARES PEIXOTO — 33 anos, cafeiteiro, Rua de Gomes Freire, 9.

GRACINDA LAURA LOPES — 33 anos, costura de alfaiate, Rua de Trás, 203.

AMADEU FERREIRA DE MOURA — 17 anos, operário, Rua Miguel Bombarda, 472, Ermezinde.

JOQUIM ALVES DA SILVA — 19 anos, electricista, Lugar das Pedras Rubras, Moreira da Maia.

ANTONIO DE SOUSA MAIA — 29 anos, servente de armazém, Rua Frei de Santa Cruz, 70, Rio Tinto.

JOAO AUGUSTO DE JESUS PEREIRA — 17 anos, litógrafo, Rua Alferes Malheiro, 178.

AFONSO DA SILVA SEABRA — 25 anos, mecânico de automóveis, Rua Alexandre Braga, 64, Gaia.

JOSÉ RIBEIRO BARBOSA — 24 anos, vidreiro, Rua Pinto Bessa, 237.

JOSÉ JOAQUIM FERREIRA DA SILVA — 60 anos, sapateiro, Rua de S. Sebastião, 77.

MANUEL MATOS — 39 anos, cortador de carnes verdes, Rua do Monte Alegre, 189.

JOAQUIM DE SOUSA VIEIRA — 29 anos, estampilador, Lugar das Bouças, Gondomar.

CARLOS ALBERTO DE CASTRO MACEDO — 19 anos, estudante, Travessa de Antero de Quental, 100.

## Ultima Hora

VITORIOSA  
A GREVE NA  
UNIVERSIDADE

LISBOA, 27 - Março - Saú vitoriosa a greve dos estudantes da Universidade de Lisboa, iniciada ontem cedo: as comemorações do "Dia do Estudante", proibidas sábado ultimo, foram autorizadas. Em vista disso, os estudantes decidiram suspender o "luto académico", devendo reiniciar-se as aulas hoje à tarde.

O Conselho de Professores da Universidade examinou ontem a greve dos estudantes, tendo emitido um comunicado em que deplora "os ataques sofridos pela dignidade universitária" e sustenta o principio de que a policia não deve penetrar nos locais escolares sem a autorização das autoridades docentes. O Conselho dirigiu também um apelo aos estudantes para que compareçam novamente às aulas, já que "o respeito às autoridades universitárias por parte dos estudantes é indispensável para que essas autoridades sejam, por sua vez, respeitadas por outros organismos oficiais".

PREÇO PAG  
D. E. T. - S. PAULO

Endereços de Assinantes

## PORTUGAL DEMOCRATICO

Rua Conselheiro Furtado, 191  
São Paulo, Brasil

DIRETOR RESPONSÁVEL  
Otávio Martins de Moura

CONSELHO DE REDAÇÃO

Adolfo Casais Monteiro, Carlos Maria de Araújo, Fernando Correia da Silva, Fernando Lemos, Jorge de Sena, Manuel Sertório, Paulo de Castro, Vitor Ramos.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Antonio Bidarra Fonseca, Carlos Neves, Francisco Lopes, Manuel Ferreira Moura.

SUCURSAL

RIO DE JANEIRO: Avenida Rio Branco, 185 — Gr. 509 — Edif. Marquês de Herval — Telefone: 22-9224

REPRESENTANTES

FORTALEZA: Dr. Carlos d'Algo — Rua Senador Pompeu, 832 — Fortaleza — Ceará

CAXIAS: Manuel da Costa (Maneca) — Caixa Postal, 114 — Caxias (Estado do Rio)

BELO HORIZONTE: Virgolino Pereira Vilhena — Rua Rio de Janeiro, 390 — sala 304 — Caixa Postal 24 — Belo Horizonte — (Minas Gerais)

PELOTAS: Heitor M. Bandeira — Rua 7 de Setembro 312 — Pelotas Rio Grande do Sul

PORTO ALEGRE: Fernando Teodoro de Almeida Soares — Edif. Chaves, 12.º, s/1201 — Caixa Postal 2.559 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul

SALVADOR: Américo Carvalho — Av. Sete, nº 1 — Edifício Sulacap, 215 — Salvador (Bahia).

INGLATERRA: Grupo de Portugueses Democratas da Inglaterra (CPDI) 4, Sherwood Gardens, Barking, Essex.

CANADÁ: Comitê dos Portugueses Democratas do Canadá — 47 Barrymore Road — Scarborough — Ontário — Canadá

VENEZUELA: Junta Patriótica Portuguesa — Apartado 8287 — Caracas

ARGENTINA — Joaquim dos Santos — Calle de Los Llanos, 1790 — DOCK SUR — Avellaneda — Buenos Aires

URUGUAI — Agrupação de Portugueses Democratas — Colônia 1.013 — P. 7 — Montevideo

CHECOSLOVÁQUIA: Manuel Nunes — Konecova, 160 — Ziskov — Praha —

UNIÃO SUL-AFRICANA: J. Sarmento — P. O. Box 3314 — Johannesburg.

REDAÇÃO

Rua Conselheiro Furtado, 191 — Sala 2 — Caixa Postal 4469 — Tel.: 37-0933 — São Paulo

EXPEDIENTE

Dias úteis: das 19 às 22 horas  
Sábados: das 15 às 19 horas  
Numero avulso: Cr\$ 10,00

Assinatura anual: Cr\$ 300,00  
Assinatura especial: Cr\$ 500,00  
Ass. p/ o Exterior: U.S. 5,00

Ano VI — N.º 59 Abril de 1962

Os artigos assinados traduzem apenas a opinião de seus autores, sendo por conseguinte de sua exclusiva responsabilidade.